

A palavra ofertada



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO
JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN
MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO
SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

José Marcos Macedo

A PALAVRA OFERTADA

UM ESTUDO RETÓRICO DOS
HINOS GREGOS E INDIANOS

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

M151p Macedo, José Marcos.
A palavra ofertada: um estudo retórico dos hinos gregos e indianos / José Marcos
Macedo. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

1. Hinos religiosos em grego. 2. Retórica. 3. Estilo literário. I. Título.

CDD 783.5
808
808.066

ISBN 978-85-268-0884-3

Índices para catálogo sistemático:

1. Hinos religiosos em grego	783.5
2. Retórica	808
3. Estilo literário	808.066

Imagem de capa copyright © The Trustees of the British Museum

Copyright © by José Marcos Macedo
Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em
sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Para a Adriana

Agradecimentos

O presente trabalho originou-se de uma tese de doutorado defendida em dezembro de 2007 junto ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

É comum a quem faz seus agradecimentos ceder a certa tentação hiperbólica e ser levado a dizer que, sem fulano ou beltrano, o trabalho jamais teria sido realizado. Dito isso, afirmo que sem minha orientadora, Paula da Cunha Corrêa, este livro jamais teria visto a luz do dia; que ela não tome isso como um exagero. Foi ela quem aceitou meu projeto inicial, quem me apoiou a cada passo, quem leu e comentou em detalhes cada capítulo, quem me facilitou o caminho para seguir adiante, quem nunca me faltou em assuntos acadêmicos ou administrativos. A ela toda a minha gratidão.

Sou grato ainda àqueles que, em diferentes ocasiões, leram e comentaram partes da obra, corrigindo-lhe erros de forma e de fundo, como Ewen Bowie, Andreas Willi, Scott Scullion, Martin West, Philomen Probert, David Fearn e Victor Davella. A erudição e o entusiasmo de Daniel Kölligan serviram como constante incentivo para seguir adiante. E agradeço sobretudo a Elizabeth Tucker, com quem trabalhei cada detalhe da seção sobre os hinos védicos e que dedicou várias horas de seu trabalho para aperfeiçoá-la. Não preciso dizer que a responsabilidade pelas opiniões aqui expressas a respeito da matéria é exclusivamente minha.

Agradeço também à Fapesp pela bolsa de doutorado que financiou a pesquisa e à Capes pela bolsa-sanduíche que, durante 12 meses, me possibilitou dar sequência aos estudos na Universidade de Oxford.

SUMÁRIO

PREFÁCIO: POÉTICA COMPARADA (<i>Jacyntho Lins Brandão</i>).....	13
TEXTOS E ABREVIÇÕES	19
NOTA INTRODUTÓRIA	21
AUTORREFERENCIALIDADE E QUEBRAS DE CONVENÇÃO	
1.1 <i>Autorreferencialidade</i>	27
1.1.1 <i>Hino Homérico a Apolo</i> (1-52, 135-217)	30
1.1.2 Sófocles, <i>Antígone</i> (1115-1154).....	48
1.1.3 Calímaco, <i>Hino a Apolo</i> (55-104).....	60
1.1.4 Arífron, <i>Peã a Higiéia</i> (PMG 813).....	68
1.1.5 Aristóteles, <i>Hino à Virtude</i> (PMG 842).....	79
1.1.6 Píndaro, <i>Nemeia 7</i> , 1-8.....	86
1.1.7 <i>Hino Homérico a Hércules</i>	88
1.1.8 <i>Hino Homérico a Hefesto</i>	91
1.1.9 Píndaro, <i>Olímpica 12</i>	93
1.1.10 Hesíodo, <i>Os Trabalhos e os Dias</i> (1-10).....	97
1.1.11 Safo, fr. 2 V.....	100
1.1.12 Píndaro, <i>Peã 6</i>	102
1.1.13 Sófocles, <i>Antígone</i> (781-800).....	112

1.1.14	Aristófanes, <i>Cavaleiros</i> (551-564 / 581-594)	116
1.1.15	Sófocles, <i>Traquínias</i> (205-224)	121
1.1.16	Hino ao Kouros do Monte Dicta	124
1.1.17	PMG 887	131
1.2	<i>Quebras de convenção</i>	132
1.2.1	Píndaro, <i>Olímpica</i> 14	133
1.2.2	Eurípides, <i>Helena</i> (167-178)	140
1.2.3	Eurípides, <i>Hipólito</i> (525-564)	144

A ESTRUTURA DO HINO RIGVÉDICO E ECOS GREGOS

2.1	<i>A estrutura do hino rigvédico</i>	149
2.1.1	Grupo central	152
2.1.1.1	Repetição simples	153
2.1.1.2	Repetição complexa	155
2.1.1.2.1	Palavras gêmeas	155
2.1.1.2.2	Numerais	158
2.1.1.2.3	Termos afins	162
2.1.2	Divisão ao meio	165
2.1.2.1	Repetição simples	165
2.1.2.2	Repetição complexa	171
2.1.3	Palavra-chave	176
2.1.4	Ambiguidade	184
2.1.5	Clímax	190
2.2	<i>Hino Grego e “Omphalos”</i>	198
2.2.1	Anacreonte (PMG 357)	201
2.2.2	Aristono, <i>Hino a Héstia</i>	206
2.2.3	Eurípides, <i>Ifigênia em Táuris</i> (1234-1258)	212
2.2.4	Calímaco, <i>Hino a Delos</i>	215

PARES CONTRASTANTES E UNIÃO DE OPOSTOS

3.1	<i>Pares contrastantes</i>	221
3.1.1	Alternância passado–presente: Limênio, <i>Peã a Apolo</i>	222

3.1.2	Acontecimento único — Atividade atemporal: Hesíodo, <i>Teogonia</i> (1-115).....	232
3.1.3	Planos temporais no Rig Veda.....	246
3.1.4	Passado mítico / passado histórico e presente.....	252
3.1.4.1	Aristófanes, <i>Lisístrata</i> (1247-1294).....	254
3.1.4.2	Teógnis 773-782.....	258
3.1.4.3	Píndaro, <i>Ístmica</i> 7, 1-22.....	261
3.2	<i>União de opostos</i>	266
3.2.1	União de gêneros: Filodamo, <i>Peã a Dioniso</i>	268
3.2.2	Presente da celebração.....	286
3.2.2.1	Píndaro, <i>Pítica</i> 5, 54-93.....	288
3.2.2.2	Hino dentro do hino: <i>Hino Homérico a Peã</i>	297
3.2.3	Ambiguidade.....	303
3.2.3.1	Peã Eritreu.....	304
3.2.3.2	Píndaro, <i>Olímpica</i> 4, 1-16.....	308
3.2.3.3	Hino matinal a Asclépio.....	314
3.2.3.4	Hino mágico a Apolo.....	318
RECIPROCIDADE COMO TEMA		
4.1	<i>Reciprocidade como tema</i>	321
4.1.1	Arístono, <i>Peã a Apolo</i>	322
4.1.2	Macedônico, <i>Peã a Apolo e Asclépio</i>	328
4.1.3	Louvor e pedido: <i>Hino Homérico a Gaia</i>	334
4.1.4	Paronomásia.....	338
4.1.5	Justaposição de pronomes.....	344
CONCLUSÃO.....		361
APÊNDICE.....		369
BIBLIOGRAFIA.....		383

PREFÁCIO: POÉTICA COMPARADA

Jacyntho Lins Brandão

Embora antecedido por outras contribuições, em especial a do jesuíta francês Gaston Coeurdoux, a “descoberta” oficial e o início dos estudos de linguística e culturas indo-europeias têm sua data emblemática: a comunicação do diplomata inglês William Jones à Real Sociedade Asiática de Calcutá, em 1786, quando ele avança a hipótese de que sânscrito, grego, latim e — ele apenas supõe então — também o gótico, o celta e o persa provenham de uma mesma origem:

A língua sânscrita, seja qual for a sua antiguidade, tem uma estrutura admirável; mais perfeita que o grego, mais copiosa que o latim e mais elegantemente refinada que cada um deles, ainda que mantenha com ambos, seja nas raízes dos verbos, seja nas formas gramaticais, uma afinidade mais forte do que seria possível produzir-se por acidente — deveras tão forte que nenhum filólogo poderia examinar todas as três sem crer que tenham advindo de alguma fonte comum, a qual talvez não exista mais há muito tempo; há uma razão similar, embora não absolutamente tão impositiva, para supor que também o gótico e o celta, embora mesclados com um idioma bastante diferente, tenham a mesma origem que o sânscrito; e o antigo persa deveria ser adicionado à mesma família, se houvesse ocasião para discutir alguma questão relativa às antiguidades da Pérsia. (Jones, *The Third Anniversary Discourse*)

Ainda que com toda essa concisão, na verdade a declaração de Jones teve como mérito: a) ressaltar a proximidade entre representantes de cinco dos dez grupos de línguas indo-europeias hoje admitidos; b) não imaginar que uma das línguas conhecidas fosse a origem das demais, mas postular que deveriam elas provir de uma fonte comum (*some commun source*) talvez não mais existente (*which, perhaps, no longer exists*); c) isso posto, atribuir as afinidades ou parentesco (*affinity*) ao fato de que todas essas línguas deveriam pertencer a uma mesma família (*the same family*). Mais que tudo, observe-se, no uso dos condicionais e dos advérbios, que não se trata de formular postulados, mas de levantar hipóteses cuja comprovação dependeria de outros esforços.

Justamente por sua imprecisão e pela abertura de perspectivas o discurso de Jones se torna importante, na medida em que esboça um vasto programa de estudos que, na sequência, se mostrou extremamente produtivo — de início, no campo da linguística histórico-comparativa; em seguida, também nos domínios das instituições, do imaginário e das formas literárias. Ele próprio, na mesma conferência, desde logo abre a esfera de interesses motivados pelo conhecimento das antiguidades da Índia, defendendo que a comparação, para além das línguas, se estendesse também a “filosofia e religião”, aos “remanescentes atuais de sua antiga escultura e arquitetura” e aos “memoriais escritos de suas ciências e artes”. Dessa perspectiva, ressalta semelhanças, por exemplo, entre Apolo e Kṛṣhna, declara que “não é possível ler o Védanta ou as várias composições refinadas que o ilustram sem crer que Pitágoras e Platão derivaram suas sublimes teorias da mesma fonte que os sábios da Índia”, e especula que “a verdadeira existência de Esopo, que os árabes creem ter sido abissínio, parecendo um tanto duvidosa, inclino-me a supor que as primeiras fábulas de caráter moral que apareceram na Europa tinham uma origem hindu ou etíope”. A bem da verdade, Jones trabalha mais com intuições que com constatações — intuições provocadas não só por paralelos por ele próprio elaborados, como também por uma tradição que remonta pelo menos aos gregos do período helenístico, de que um dos pontos altos encontramos na *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato, especialmente nos capítulos dedicados à visita daquele sábio grego do segundo século aos brâmanes.

Repita-se: a partir dessa grande imprecisão e abertura, que vale antes pelo que incitou que pelo que realiza, é que os séculos seguintes registrarão o aparecimento de obras importantes no campo dos estudos indo-europeus, as quais, o que é mais destacável, forneceram uma sólida base para o comparatismo em termos de línguas, religiões, literaturas e culturas. Para citar não mais que uns poucos nomes que se tornaram referência nos dois últimos séculos, registrem-se os dos alemães Franz Bopp e Jacob Grimm, dos franceses Ferdinand de Saussure, Emile Benveniste e George Dumézil, do espanhol Francisco Rodríguez Adrados, a última grande síntese do século XX devendo-se aos russos Thomas Gamkrelidze e Vjaceslav Ivanov, em *Indo-European and the Indo-Europeans*. Enfim, demonstrando que a agenda dos estudos indo-europeus se encontra aberta a novas contribuições, recorde-se, já no nosso século que mal inicia, o aparecimento de *Indo-European Poetry and Myth*, da autoria do conhecido helenista inglês M. L. West.

É nessa tradição internacional mais que bicentenária que o presente livro se inclui, ocupando um espaço ainda raro em se tratando de autores brasileiros. É verdade que, em nosso país, contamos com alguns indo-europeístas anteriores, os quais, todavia, a exemplo de Rubens Costa Romanelli, se ocuparam apenas com a linguística. Mesmo em termos gerais, sempre se dedicou menos esforço às poéticas que às línguas e ao imaginário indo-europeu, ainda que a proximidade de estruturas rítmicas, fórmulas e temas entre a poesia indo-iraniana, em especial a sânscrita, e a grega salte aos olhos. Assim, é preciso ressaltar as qualidades desta obra agora ofertada ao leitor: não se trata de um grande panorama voltado para a divulgação, mas de um estudo verticalizado, o qual toma como objeto um tipo de composição específica, a hínica grega, buscando esclarecer seus procedimentos através de sua aproximação com os gêneros correlatos da Índia.

Como o próprio autor esclarece, a razão para essa estratégia está em que, “no horizonte da religião indo-europeia [...], os hinos gregos sobressaem por compor, ao lado dos hinos indo-iranianos, os principais exemplos de poética hínica que remontam à matriz comum”. Mais ainda: de nenhum outro dos povos indo-europeus recebemos tantas composições desse tipo como dos hin-

du, as do Rig Veda somando mais de mil peças, “que correspondem aproximadamente [...] ao tamanho da *Ilíada* e da *Odisseia* juntas”. Assim, embora o foco principal do livro sejam as obras gregas, sem dúvida José Marcos Macedo apresenta dados e argumentos bastante convincentes para demonstrar que a produção nos dois espaços — Grécia e Índia — deve proceder de uma mesma tradição ancestral.

Quando se regride tanto no tempo, muitas vezes se tem a tentação de contentar-se com poucos elementos capazes de produzir certos *insights* — e, sobretudo quando se trata de poesia, incide a tentação de esfacelar os textos para trabalhar não mais que com figuras, estruturas e motivos, o que vem a constituir o principal risco para os estudos culturais e comparados. Um diferencial do presente livro está na proposta de analisar pacientemente cada poema enquanto um poema, ou seja, um conjunto coeso que deve ser compreendido em sua totalidade, sem pretender dissolvê-lo em nome de hipóteses de trabalho de ordem geral. Assim sendo, ele constitui também um exemplar exercício de poética comparada.

Os ganhos são muitos. De modo adequado, ressaltam-se as estratégias estilísticas destinadas a seduzir a divindade à qual se dirige o hino, no momento da celebração, passando-se “do universal ao particular, do geral ao concreto”. Ultrapassando, entretanto, a realização meramente cerimonial do hino, o autor também estuda como, já na categoria do que pode ser considerado pura poesia, os poetas gregos utilizam as convenções do gênero para “frustrar ou corroborar as expectativas dos ouvintes”, conferindo “colorido especial” à obra. Os recursos retóricos presentes em tais composições — que se destinam, recorde-se, a obter o favor dos deuses — são especialmente ressaltados, incluindo formas de lidar com a temporalidade, de atualizar ritos míticos e de reforçar os liames de reciprocidade.

Do ponto de vista formal, a demonstração de que parte dos hinos gregos e rígvédicos se estrutura a partir de seu centro é das contribuições mais relevantes. Os recursos estilísticos para destacar o centro são buscados e analisados, compreendendo a divisão da obra em duas metades, o acúmulo de vocábulos conexos nas estrofes nucleares, a colocação de palavra-chave no

exato centro do poema etc. Afirmo que se trata de contribuição importante porque é nisso que a proposta de tomar o universo de cada texto enquanto tal se realiza de modo mais expressivo, permitindo que o leitor possa acompanhar como, do particular, ou seja, cada poema, se dá a passagem ao geral, as convenções do gênero, sem perda da força expressiva que faz de cada hino um artefato único.

Finalmente, é para a ideia de reciprocidade que José Marcos Macedo encaminha todo o seu raciocínio: o hino, em princípio destinado a acompanhar alguma oferenda ao deus, passa a ser tido, ele próprio, como a própria oferenda. Daí o título do livro, inspirado pela seguinte passagem rígvédica — revelada apenas na derradeira página:

Ao *soma* purificado, ordenador (do rito), apresento a palavra ofertada.

Trago-a com os poemas como uma oferenda; que ele se deleite!

Enquanto “palavra ofertada” (*váca údyatam*) é que o hino, afinal, tende a buscar uma forma que o torne digno de constituir-se como oferenda. Uma oferenda que, na lógica do rito, apresente os requisitos de perfeição capazes de torná-la agradável aos deuses. Mas não só isso: como o autor conclui, ultrapassando o contexto pragmático dos rituais específicos, sobretudo no contexto grego mais recente, a palavra do hino, enquanto poema, oferta-se por igual ao leitor.

O que exemplarmente se aplica também com relação ao leitor do presente livro.

TEXTOS E ABREVIACÕES

Os textos gregos são citados de acordo com as seguintes edições:

Hinos Homéricos:

ALLEN, T.; HALLIDAY, W. e SIKES, E. *The Homeric Hymns*. Oxford, Oxford University Press, 1936.

Calímaco:

PFEIFFER, R. *Callimachus*. Oxford, Oxford University Press, 1949-53.

Píndaro:

SNELL, B. e MAEHLER, H. *Pindari Carmina cum Fragmentis*. 8ª ed. Leipzig, Teubner, 1987; os peãs seguem a edição de RUTHERFORD I. *Pindar's Paeans*. Oxford, Oxford University Press, 2001.

Sófocles:

LLOYD-JONES, H. e WILSON, N. G. *Sophoclis Fabulae*. Oxford, Oxford University Press, 1990.

Poetas líricos:

PAGE, D. L. *Poetae Melici Graeci (PMG)*. Oxford, Oxford University Press, 1962.

Hesíodo:

WEST, M. L. *Theogony*. Oxford, Oxford University Press, 1966; e *Works & Days*. Oxford, Oxford University Press, 1978.

Aristófanes:

HENDERSON, J. *Lysistrata*. Oxford, Oxford University Press, 1987; demais:
HALL, F. W. e GELDART, W. M. *Aristophanis Comoediae*. Oxford, Oxford University Press, 1906.

Eurípides:

salvo indicação em contrário, DIGGLE, J. *Euripidis Fabulae*. Oxford, Oxford University Press, 1981-94.

Teógnis:

WEST, M. L. *Iambi et Elegi Graeci*. 2ª ed. Oxford, Oxford University Press, 1989.

O Rig Veda é citado segundo o texto metricamente restaurado por VAN NOOTEN, B. A. e HOLLAND, G. B. “Rig Veda: A Metrically Restored Text with an Introduction and Notes”, *Harvard Oriental Series*, vol. 50. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1994.

Referências às demais edições utilizadas serão feitas ao longo do trabalho. Abreviações de periódicos seguem no geral as convenções de *L'Année philologique*.